

REINO DE DEOS,  
O U  
REINO DE PORTUGAL.

PANEGYRICO FUNCHALENSE,

OFFERECIDO

AOS MUITO ALTOS, PODEROZOS,  
E FIDELISSIMOS REIS AUGUSTOS

A SENHORA

D. M A R I A,

E O SENHOR

D. P E D R O III.

AMBOS GLORIOZOS MONARCAS  
DE PORTUGAL,

LEGITIMOS, E VERDADEIROS REIS PORTUGUEZES;

Por MANOEL ANTONIO

DE AZEVEDO HENRIQUES,

O mais humilde, indigno, más fiel vassallo de Suas  
Magestades Fidelissimas.

REPARTIDO EM QUATRO LYRAS,

Na primeira se contém as razoens da Acclamação. Na Lyra segunda se trata  
da Fundação do Reino de Portugal. Na Lyra terceira se trata da Ascen-  
dencia santa de Suas Magestades Fidelissimas. Na quarta Lyra se  
continúa o mesmo assumpto: e se trata sobre o juizo,  
e esperança do povo.



L I S B O A

Na Officina de JOAÕ ANTONIO DA SILVA.

Anno M. DCC. LXXVIII.

Com licença da Real Mesa Censoria.



REINO DE DEOS,  
O U  
REINO DE PORTUGAL.

L Y R A I.

*Sobre a Real Acclamação.*

Texto do Livro 1. dos Reis, cap. 10. vers. 24. *Certe videtis, quem elegit Dominus, quoniam non sit similis illi in omni populo; & clamabit omnis populus; & ait: Vivat Rex.*

**S**USPENDE o alto vôo, ó Deoza Sacra,  
Pyra do louvor, e clarim do mundo;  
Ouve-me attenta hum pouco, e entre tanto  
Maior luz te darei para o teu Canto.  
De Roma Imperial não canto as glorias  
No antigo Romulo seu Rei primeiro:  
Nem quando Imperio a fatal Potencia;  
Porque tudo cessou na decadencia.  
Eu não canto dos Gregos, e dos Médos,  
Nem dos Assyrios, dos Persas a Coroa;  
Nam intento louvar com harmonia  
Grandes Reinos da falsa Idolatria.  
Não vou homens formar d'um grande monte;  
Que tal quimera se reduz a fumo:  
E quem discorre assim, vê seu projecto  
Sahir á mente igual d'outro Architecto.

Do falso adulator não figo idéas,  
 Narrando de Alexandre, e Póro a pleja;  
 Que, por ser lizongeiro, ao livro vio  
 Lançado pelo Rei no Idaspe rio.  
 Eu não descrevo o sonho de Nabuco  
 Na admiravel estatua transformado;  
 Que, apenas d'uma pedra foi tocada,  
 Cahio em terra desfeita, arrujnada.  
 Mas eu vou só cantar d'um Reino Santo,  
 E d'uma Geração de Deos amada;  
 D'uns Reis, onde Christo obrou o mysterio  
 De erigir, e augmentar o seu Imperio.  
 Porém como, imprudente muza minha,  
 Te atreves a cantar taõ alta gloria,  
 Se he taõ grande o assumpto para o canto,  
 Que tu não chegarás, nem eu a tanto?  
 Canças-te por fazer mais doce a lyra,  
 Sendo taõ relevante, e excelsa a empreza,  
 Que, quanto mais a lyra lhe afinares,  
 Tanto mais sobirá aos puros ares.  
 A alma singular, que anima ao metro,  
 Hoje chega a vencer discursos grandes;  
 E tu, pequena, humilde cantar queres  
 Do que ainda nenhum teve poderes?  
 Tu de hum Reino, que Deos tem elegido  
 Para si, para seus amados justos?  
 Tu de hum Sceptro, e de huns Reis abençoados  
 Pódes formar louvores sublimados?  
 Queres Icaro fer do teu arrojo  
 Em aguia transformar-te em vôo altivo,  
 Sem ver que huma tal temeridade  
 A confunde o esplendor da Magestade?

Naõ

Não, ó Muza: tu só não podes tanto;  
 Mas implora a quem póde dar-te o metro.  
 O Reino he de Deos, pede-lhe a virtude;  
 Que he razaõ que a louvallo o Ceo te ajude.

O' felices moradores de Siam,  
 (Não falsas filhas do Apollineo Deos)  
 Vós, Anjos do Senhor, enchei-me o peito  
 Da metrica luz, de hum furor perfeito.

Pois as glorias de Portugal não posso  
 Só cantar como devo dignamente:  
 Vós me allumiai, já que sou taõ pobre;  
 E em tudo fazei minha muza nobre.

E Vós Augustos Reis do Throno Luzo,  
 Monarcas, a quem Deos estima, ampara,  
 Humanizai a Sacra Magestade:  
 Ouvi-me, e exaltareis vossa bondade.

Que nova luz do Sol, que novo dia  
 No grande pólo brilha Luzitano!  
 Eu vejo o esplendor da aurea edade  
 Dos tempos renascer na extremidade!

O Ceo trocando a esféra diamantina  
 Em campos de brilhantes resplandores,  
 Dando em rizo Aurora a face bella  
 Donde dá luz o Sol á Lua, á Estrella!

Febo dourados deixa aos altos montes:  
 Essas arvores, flores, plantas verdes  
 Formando de engraçadas novo ensaio,  
 Daõ mais brilhante gala a Abril, e Maio.

O envelhecido tronco reverdece,  
 A incognita raiz na terra occulta,  
 Que em desprezos jazia sepultada,  
 Huma flor, e outra flor brota engraçada.

O indómito bruto, o manso gado  
 Em diferentes figuras admiro;  
 O mais docil saltando de alegria,  
 O bravo troca em manso a tyrannia.  
 Já tudo o que se move, e piza a terra,  
 Virtude occulta de prazer inunda,  
 Que santa paz feliz vai respirando,  
 E mais nobres alentos a si dando.  
 Animadas, porsoens do debil barro,  
 Que só deve a substancia ao Deos Eterno,  
 E ao furor escapárao do verdugo,  
 Alegres correm ao offercer-se ao jugo.  
 Novo, e doce jugo, que abraçarao  
 Dentro em seus coraçãoes fiéis unidos;  
 A quem nunca jámais o odio infano  
 Da lealdade mudou para tyranno.  
 Tudo assim vejo ser novas imagens  
 Da justa vassallagem, da alegria:  
 Vejo a Terra, e o Ceo em resplendorse  
 Dando luz ás estrellas, graça ás flores.  
 Mas que gloria feliz hoje me espera?  
 Oh como nos fois bons, sagrados Ceos!  
 Já nos fertis confins do mundo vejo  
 Mil bandeiras triunfar no undozo Tejo.  
 Já ouço retumbar no mar, e terra  
 Estrepitos fataes do grao Vulcano;  
 E os eccos do clarim, que a Fama entôa,  
 Euro os move na esfêra de Lisboa.  
 As Armas de Mavorte se dirigem  
 Em triumpho immortal, que aos Reis se devem:  
 Bellas nynfas do rio celebrado  
 Prazeres mostraõ no pompozo Estado.

Humas em curvas conchas reclinadas,  
 Entrançados os cabellos de ouro fino,  
 Em perolas, e aljofres prateados,  
 Repetindo mil vivas alternados.  
 Outras sentadas em Delfins potentes,  
 Que a natura creou do mar profundo,  
 Coroas trazem de coral brilhante,  
 Ornadas do esplendor do diamante.  
 Nas diáfanas ondas varios peixes,  
 De mui diversas cores matizados,  
 Saltando sobre as aguas Tajerinas,  
 Trazem na boca pedras cristallinas.  
 Já nas douradas margens vejo alegres...  
 Porém oh que seriaõ mais felices  
 Estes dezejos bons de sã candura,  
 Se eu visse realmente esta pintura!  
 Mas a quanto não chega o sentimento  
 D'uma alma nobre, cheia de dezejos!  
 Ella ás coizas de maior gloria aspira,  
 Ella vivas demonstraçoens suspira.  
 Se ao Ceo, á Terra, e Mar extendo a vista,  
 Admiro produzir novos prodigios,  
 Que ao futuro daraõ aflumpto á Historia,  
 Gosto ao Ceo, luz ao Ar, á Terra gloria.  
 Sobre as azas do vento vejo soltas  
 Na Lyzia tremular as sacras Quinas:  
 Nas Torres, e Castellos de Mavorte  
 Triunfantes salvas do elemento forte.  
 D'uma parte esquadroens de gente armada,  
 De outra em jubilo o Povo Luzitano,  
 A quem fazem feliz taõ nobre dia  
 O Luzo Sceptro, o Ceo, PEDRO, e MARIA:

Lá do Oceano o filho de Neptuno,  
 Pelas portas do Tejo cristallino  
 O Marinho Tritaõ em carro undozo  
 Conduz tambem ao Velho procellozo;  
 Rendendo a Portugal o graõ tridente  
 Do imperio movel, da regiãõ aquaria,  
 Que nos mares têm poder absoluto,  
 Pois lhe julga dever este tributo.  
 Aquellas quatro Deozas dominantes  
 Nas quatro partes do Orbe portentozas,  
 Para a Lyzia feliz chegaõ contentes  
 Em carros de cristal resplandecentes.  
 As Deozas figuradas nas Naçoens,  
 Que estaõ de cada parte neste pólo,  
 Engraçadas trazem nas mãos formozas  
 Dourados cofres de offrendas preciozas.  
 Tudo em fim rende á Lyzia vassallagem,  
 E adoraçoens profundas lhe consagra.  
 Este he o tempo feliz da aurea edade,  
 Que exalta aos Ceos a Luza Magestade.  
 Oh prodigios da mente bem pensados!  
 Oh idéas do homem bem nascidas!  
 Porque nada se faz incompativel  
 A' virtude de Deos incomprehensivel!  
 Prodigios de maior affombro, e pasmo  
 Obrou o Deos terrivel sobre o Egypto,  
 Mostrando que era seu aquelle povo,  
 Cujos sacros poder respeito, e louvo.  
 Mas a illustre Naçaõ da Luzitania  
 Tem obrado por Deos prodigios grandes;  
 Seu poder respeitavel, sem segundo,  
 Tem cauzado terror a todo o mundo.



Dize tu, ó fatal Africa ardente,  
 Publique a clara voz d'Azia famoza,  
 America, e em fim Europeanos  
 O poder dos Monarcas Luzitanos.  
 Já deste povo aos Reis propicia desce  
 Daquelles altos Cesos a santa Graça;  
 Pois na terra de Deos vejo a vontade  
 Cumprir-se dos dois Reis na Magestade.  
 Porém, ó Muza minha, aonde vòas,  
 Sem temer te confunda o mesmo affombro?  
 Sempre queres chegar ao alto Throno  
 Da Lyzia, de quem Deos he sacro abono?  
 Mas, oh Lyzia, oh Throno, oh Deos Piedozo!  
 Esta forsa tão justa de minha alma  
 Eu não posso vencer; nem eu me atrevo  
 Encobrir no peito o que mostrar devo.  
 Vejo desenrolar os Estendartes  
 Do Reino Portuguez, da Nação Luza;  
 Vejo a muitas Naçoens alvoroçadas,  
 Nesta gloria, e prazer encorporadas.  
 Ouço vivas dispersos por mil bocas  
 Só por MARIA, e PEDRO, Reis Augustos;  
 Cujos eccos, soando pelos ares,  
 Lhes vão levantar thronos singulares.  
 Tu, Africa, que viste o Sceptro Luzo  
 Dominar sobre ti, com forsa ingente,  
 Teus Lunares troféos tendo vencido,  
 Só plejando por Deos, aos Ceos unido;  
 Tu, Azia feliz, que a Lei sagrada,  
 E Luzas Quinas, que sujeita adoras,  
 Cujos sangue infiel no Indo, e Ganges  
 Fizeraõ derramar nossos alfanjes;

Tu, Provincia da Cruz, que desentranhas  
 Do centro de ti mesma a mór substancia,  
 Que aní na, e só governa ao mundo inteiro,  
 Transformando-se em ouro verdadeiro;

Tu, Europa, em fim que, mais que todas,  
 A forsa Portugueza experimentaste,  
 Pois quando o seu poder sobre ti viste,  
 Debaixo do seu Sceptro lhe cahiste;

Todas lhe levantem Throno Augusto  
 A' Regia Exaltação dos Reis da Lyzia;  
 Que em dia singular de tanta gloria  
 Em todas as Naçoens se faz notoria.

A Nação mais feliz da Luzitania  
 De jubilo, e de gloria o peito enche;  
 E nos seus coraçõens fiéis, seguros,  
 Hum, e outro lhes rende os votos puros.

Reinos de Portugal, do Antigo Algarve,  
 Os Reinos dos Brazís, Africa, e India,  
 E as Ilhas, que dominaõ o mar Oceano,  
 Aos novos Reis daõ culto soberano.

Aos nossos Reis de Portugal famozo,  
 Aos Consortes Reaes, PEDRO, e MARIA,  
 Acclamaõ com prazer cheios de gloria,  
 E faz-se ao mundo Acclamação notoria.

MARIA d'um Bom Rei Augusta Filha,  
 E PEDRO d'um Rei Justo Filho Excelso,  
 Ambos da terra, e Ceos saõ acclamados  
 Reis da Lyzia, do mundo respeitados.

Ah Sacros, Justos Ceos, que assim fizestes  
 Toda vossa a eleição deste Conforcio,  
 Como agora os fazeis Reis Soberanos  
 Sobre o Throno dos Reinos Luzitanos.

Pois, para ser feliz o Luzo Sceptro,  
 Déste á Lyzia Reis, déste-lhe as Chagas  
 Por Armas, e Brazaõ do seu Escudo,  
 Que tem por seu favor vencido tudo.  
 Exulta, ó Portugal, exulta alegre  
 Nas glorias, que feliz dos Ceos alcanças:  
 Exulta de prazer, pois Deos te ha dado  
 Hum Reino em dois Reis abençoado.  
 Solta a agradavel voz do fiel peito;  
 Repete, ó Portugal, doce harmonia:  
 Louva a Deos, exalta aos teus Soberanos  
 Eleitos pelos Ceos aos Luzitanos.  
 He MARIA feliz em ser Rainha;  
 E PEDRO, por lhe ser ao Sceptro unido:  
 Quis Deos fazello Rei no mesmo dia,  
 Em que á Esposa a Croa concedia.  
 Eis-aqui como o Ceo, Monarca Augusto,  
 Premêa aos coraçoes de sans virtudes,  
 Que, esperando em Deos com temor santo,  
 Recebem do Senhor hum premio tanto.  
 Já toda a Regia Corte se encaminha  
 A' Capella Real, a Deos dar graças;  
 E junto ao Rei D. PEDRO co'alegria  
 A RAINHA feliz Dona MARIA.  
 Os dois excelfos Reis vaõ adornados  
 Das insignias Reaes resplandecentes:  
 Já ao Templo de Deos saõ conduzidos,  
 E parecem alli dois Soes luzidos.  
 Bemdito seja Deos, e os Reis Bemditos,  
 A quem Deos elegeu, abençoados:  
 Goze todo o seu Sangue esta ventura,  
 Que nas Mãos do Senhor está segura.

Toque já da Fama a voadora tuba,  
 Espalhe do Universo aos Reinos todos  
 A gloria singular do alto Dia,  
 Em que o Ceo acclamou PEDRO, e MARIA!  
 Renda em fim todo Orbe vassallagem  
 Aos Augustos Monarcas Portuguezes;  
 Pois chega destes Reis, se bem me fundo,  
 O seu grande poder ao todo mundo.  
 E Vós, Amados Reis, Monarcas Pios,  
 Na graça do Senhor vivei alegres;  
 Vivei ambos felizes, venturozos;  
 Nós seremos tambem por Vós ditozos.  
 Mil graças ao Ceo damos, pois vos vemos  
 Livres de insultos da maldade feia,  
 Sobidos felizmente ao Throno Augusto,  
 Dando á Perfidia pasmo, á Inveja susto.  
 Morda-se o Dragaõ de raivoza furia;  
 E, arrastando as cadeias desgraçado,  
 No Throno vos adore; e reconheça  
 Que lhe pizais c'os pés a vil cabeça.  
 Queira o Ceo em fim que o Reino vosso  
 Sempre em doce paz, sempre na abundancia  
 D'um, e outro publique nas edades  
*Viva o Rei, que nos deu felicidades.*

*Fim da primeira lyra.*

## L Y R A II.

*Sobre a Fundação do Reino de Portugal.*

*Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire,  
ut deferatur Nomen meum in exteras gentes.*

Monarq. Luzit. Part. 3. liv. 10. cap. 5.

*Ego autem constitutus sum Rex ab eo, prædicans præceptum ejus. Psalm. 2. vers. 6.*

**Q**UIZ Deos para si hum Reino Illustre,  
E hum Povo, que fiel lhe fosse sempre;  
Naõ como a Naçaõ d'Israel antigo,  
Que de amigo mudou para inimigo:  
Naõ como hum povo ingrato, e sem constancia,  
Como aquelle mostrou na variedade  
Dos deozes, que abraçou; desconhecido  
Daquelle Deos, que o fez Povo escolhido.  
Porém quiz para si a gente forte,  
A Naçaõ, que fiel sustém firmeza  
Na invariavel Fé do Deos Eterno,  
Contra as forsas fataes do escuro Averno.  
E sendo taõ vasta a extensaõ da Terra,  
Sómente a Portugal o Ceo' aceita  
Para si; e neste hum Varaõ procura,  
Que o reja em seu lugar com fé segura.

Vir-

Virtude singular de Affonso Santo  
 Celestial mereceu taõ alta honra:  
 Neste quiz o Ceo fundamentar  
 Hum Reino, que ha de sempre eternizar.  
 Só no Filho de Henrique, Conde Excelso,  
 Em D. Affonso Henriques quiz o Ceo  
 O alicerce erigir do Reino Luzo,  
 Que o Poder de Mahomet deixou confuzo.  
 A forsa da Virtude clara, e pura,  
 Que no seu puro peito reluzia,  
 Só fez abrir nos Ceos excelsa porta,  
 Donde o Filho de Deos se lhes transporta.  
 Hum Varaõ exemplar da Penitencia,  
 Que mais de sete vezes dez contava  
 Nos dezertos de Ourique largos annos,  
 Em solidaõ occulto dos Tyrannos.  
 Estando Affonso lendo a grande historia  
 De Jozué na batalha, que vencera,  
 Lhe predice naquelle mesmo dia  
 Que de Deos hum favor receberia.  
 Já vem rompendo a luz da madrugada:  
 Ouve o signal Affonso; corre armado  
 Com alvoroço ao campo: e de repente  
 Hum prodigio lhe apparece no Oriente.  
 Entre brilhantes luzes de mais perto  
 Cercado de Anjos vê a JEZUS Christo:  
 E, abatendo-se Affonso humilde á Terra,  
 Adora ao Deos, que na vizaõ se incerra.  
 Assim ouve que o Filho do Eterno  
 Claramente por si lhe faz seguro  
 Nelle hum Reino fundar com condiçoens,  
 Que ha de ao fim persistir das geraçoens.

O Deos, Filho do Padre Omnipotente,  
 Fala a Affonso, e entregalhe o Imperio  
 Naõ só para infundir no Mouro espanto,  
 Mas para dilatar seu Nome Santo.  
 Continúa Christo em Throno glorioso  
 A Promessa, que fez ao Sangue Regio  
 Desta Luza Nação, que foi patente  
 Entre os Anjos, e os Homens claramente :  
 Que este Reino da insigne Luzitania  
 Tomava para si, por seu Imperio ;  
 E que seria até ultima idade  
 Puro na Fé, constante na Piedade.  
 Das sacras Mãos, e Pés, do Lado santo  
 ( Signaes da Redempção ) lhe ordena Christo  
 Santas Quinas ; que abrio o ferro agudo  
 Por armas invenciveis do Escudo.  
 Quando do berço o Sol se levantasse,  
 Seu exercito Rei o acclamaria :  
 Que aceitasse a eleição, que na verdade  
 Era feita por Deos esta vontade.  
 A palavra de Deos he infallivel ;  
 E á face dos Homens, e dos Anjos  
 A Affonso prometeu com voz expressa  
 Ser eterna em seu Sangue esta promessa.  
 Tudo já se cumprio justamente ;  
 E hoje bem se cumpre o favor santo,  
 E se ha de cumprir para o futuro  
 Nos floridos ramos d'um Tronco puro.  
 As justas condiçoens se praticaraõ ;  
 A promessa se vio sempre firme  
 Até Sebastiaõ, e Henrique o Casto,  
 Durando por ditozo tempo vasto.

Onde sempre se vio, e será visto  
 Do Reino, e dos Reis o Brazaõ do Nome  
 Pois nunca contra a Fé amaram enganos,  
 Sendo Fidelissimos Soberanos.  
 Mas sendo os tres Filippes já passados,  
 E purgada tambem do Reino a culpa,  
 Já por seis vezes dez annos inteiros,  
 Deu outra vez o Reino aos seus herdeiros.  
 E no grande Joaõ Quarto nos restaura,  
 (Profeguindo outra vez sua promessa)  
 Porém Pedro por sorte, e por mysterio  
 Reinou de Affonso como Rei no Imperio.  
 De Pedro o Augusto Pedro o Ceo nos dera  
 Hũa Arvore feliz de tal grandeza,  
 Que seu ambito largo, e sem segundo,  
 Abraçou toda a parte, a todo o mundo.  
 Este era aquelle Rei chamado o Magno,  
 O Excelso D. Joaõ no nome Quinto,  
 Que tantos ramos produzio Augustos,  
 Frutos de bençaõ, destinados Justos.  
 O Clemente Jozé, Rei compassivo,  
 Deste tronco Real já foi mudado  
 Só pela Maõ de Deos Omnipotente,  
 Para nos Ceos reinar gloriozamente.  
 Mas quiz agora Deos, que sua herdeira  
 Maria por Direito succedesse;  
 E, onde vio reinar Jozé Primeiro,  
 Quiz reinasse tambem Pedro Terceiro.  
 Estes dois grandes Reis, estes Esposos,  
 Saõ do Famoso Henrique descendentes,  
 E netos de Joaõ Quarto de Bragança, (a)  
 Onde o Reino tem posto a confiança.

Estes



Estes Ramos Excelsos, que florescem (b)  
No Augusto Solar d'Alta Braçançã,  
Por mercê singular, que o Ceo nos dera,  
He quem hoje sómente nos impéra.  
Se ás Filhas de Salphaad Deos permittio  
A herança de seus pais, varoens faltando,  
Fazendo que Moyzès por lei pozesse  
Que a filha ao pai na herança succedesse :  
Em vós, Rainha Excelsa, está cumprida  
Esta lei do Senhor : o Ceo previo  
Que esta lei, que se deu á Hebraica gente,  
Comprehenderia a Portugal potente.  
Desde Eglã, Maala, Noa, e Térfa  
He das filhas tambem da herança a posse;  
E sendo lei de mais de tres mil annos,  
Inda dura nos Reinos Luzitanos.  
Regia Neta fois de Joãõ o Magno ;  
Jã deste o Ceo passou a grande graça  
A vosso Excelso Pai, Jozé Primeiro,  
Que hoje Pedro possue já como herdeiro.  
Desde os Troncos Reaes, que o Ceo recolhe  
Lã no seio de Siam, e do seu Reino,  
Só distingue a razaõ dos seus Estados  
Seis Monarcas ao Throno sublimados.  
Destes seis vivem só PEDRO, e MARIA,  
Que unidos os dois Reis em hum só corpo,  
Ambos tem nesta Imperial Lisboa,  
Só como hum Rei, deste Reino a Coroa.  
Nãõ pára a graça aqui ; que a Providencia  
Jã nos conserva dois Famosos Ramos ;  
Pois, segundo a Fé que a Naçaõ confessa,  
Eterna verá Lyzia esta promessa.

Para gloria do Reino Luzitano

Os dois Ramos nasceraõ de iguaes Troncos;  
 Cujo succo nutricao, que os anima,  
 He do dobrado Tronco, que os domina.

Em D. Pedro Terceiro se figura,

E na Rainha Mãi, Excella, Augusta  
 Esta Arvore feliz produzidora

Dos dois Ramos, de que ainda he Senhora.

Por ventura, Alto Rei, D. Pedro Augusto,

Por ventura naõ he o Ceo clemente,  
 Se hnm Bom Rei nos tirou dos nossos braços,  
 Em deixar-nos dois Reis em doces lassos?

O Magno Joaõ deixou no vosso Peito

Recolhida a virtude da Piedade:

O clemente Jozé na Filha Augusta

Vio as virtudes da Bondade Justa.

Aquella Excella Mãi, Mãi saudoza,

Que ainda do Regio Espozo adora a Imagem,

E cujo original o Ceo lhe dera

Em lassos do Hymeneu, que recebera,

Adoptou na Real formoza Filha

A sã Justiça, a Paz, justa Clemencia,

Realfando-se mais na Magestade

Ternura, compaixaõ, e piedade.

Nesta Filha Real o Ceo propicio

Continúa a promessa sacrosanta;

E por fim lhe dá por Celeste forte

Sociedade no Sceptro em seu Conforte.

Por isso, ó tu feliz geraçaõ Luza,

Naõ pódes duvidar do favor santo,

Que aquelle Senhor, Deos da Christandade,

Te faz a ti na Prima Magestade.

Repara como o Ceo foi produzindo  
 Frutos Celestiaes do Tronco Sacro!  
 Ah, Soberanos Reis, Vós sois ditozos,  
 Sois Reis de Portugal, sois Bons Esposos.

A Vós ambos o Ceo vos produzio  
 D'um Real Tronco por Deos abençoado;  
 Vós ambos possuís altas virtudes,  
 Que não vem os entendimentos rudes.

O Ceo melhor, que os homens, as conhece,  
 Elle abençoou o Regio Thalamo;  
 E a Vós ambos só quiz divinamente  
 Fazer-vos Reis da Luzitana gente.

Cheio de amor o bcn Deos de Piedade  
 Affim, como ao Conforcio vos unio,  
 Quiz unir-vos tambem ao mesmo dia,  
 Unindo a PEDRO ao Sceptro de MARIA.

Bemdito seja Deos, que he Rei dos Reis,  
 Que o Divino favor, que fez a Affonso,  
 Pela sua Divina Providencia (c)  
 Concede desde Affonso á Descendencia.

Aquelle Rei feliz da Edade de ouro,  
 Senhor D. Manoel, que he sem segundo,  
 Lá na Região do mundo dilatada  
 Fez esta condiçãõ verificada.

Pois sendo Successor de Thomé Santo  
 Na Azia dilatou a fé Divina,  
 Depois de seus Monarcas Ascendentes  
 Destruirem da Europa infetas gentes.

Mas primeiro, que ao Deos o sacrificio  
 Na Azia os Portuguezes celebrassem,  
 Tinhaõ visto do mar grandes segredos,  
 Occultos aos Tritoeus inda mais ledos.

Elles' ora sobindo aos Ceos mais altos,  
 Por montes de cristal do Reino undozo,  
 Ora do mar descendo ao mais profundo,  
 Admiram raras coizas no seu fundo.

Até que em fim o Deos de Piedade  
 Os levou a plantar sua Lei santa ;  
 E nesta Região, passando os mares,  
 Fizeram construir Templos, Altares.

Deste Rei foi passando o favor santo  
 A huns, e outros Reis, que se seguiram ;  
 E se parou n'um Rei esta Alliança,  
 N'outro Rei continúa de Bragança.

Este Grande Monarca venerado  
 Da Nação Portugueza, e das estranhas,  
 Sua Caza Real illustrou tanto,  
 Que esta lyra não póde explicar quanto.

Por isso sois bemdito n'uma Corte  
 Do Reino, que o Senhor a si fizera ;  
 Bemdita sois MARIA entre as mulheres,  
 Porque Christo vos deu os seus poderes.

Vosso Reino he feliz, he venturozo ;  
 Pois o Ceo vos firmou no Throno Augusto  
 Como sua Rainha, que adornada  
 Das insignias Reaes sois adorada.

Por bemditos mil vezes sois felices,  
 Pois Deos vos abrirá os seus Thezouros ;  
 Será fertil, feliz vosso Reinado,  
 E será vosso mando abençoado.

Seraõ bemditos sempre os Regios frutos  
 Da vossa geração feliz, ditoza ;  
 Bemditas producçoens da vossa terra,  
 Quanto nella o Ceo dá, quanto se incerra.

Assim

Assim vemos em fim a santa graça  
 Nos dois Augustos Reis cumprir-se á risca ;  
 E a Fé , que deu a Affonso esta Alliança ,  
 Fará sempre feliz nossa esperanza.  
 E por isso ( a favor do anciozo Reino )  
 Sóbe ao Throno MARIA sempre Augusta ;  
 Mas , qual oliveira abraçada ao cedro ,  
 Assim sóbe a Esposa enlaxada em Pedro.  
 Desde o dia feliz da nossa gloria ,  
 Que chegou a dar luz a todo mundo ,  
 Ficou comvosco o Regio Principado ,  
 Que deveis reger , como Deos o ha dado.  
 E tão grande favor Deos só concede  
 A'quelles , onde a santa Graça existe ;  
 Nem Saul , nem David seriaõ Reis ,  
 Se não fossem de Deos servos fiéis.  
 Não fora Judith de Israel a gloria ,  
 Nem seria Esther salvaçaõ do Povo ,  
 Se n'uma , e n'outra Deos não conhecera  
 A graça , por quem tudo se fizera.  
 E o Ceo , que só percebe a gente humana ,  
 A coraçõens filhos da impiedade  
 O seu Reino não dá ; mas só o entrega  
 Ao Rei fiel , que seu favor não nega.  
 Não , não duvide alguem da graça excelsa ,  
 Que o Filho de Deos crucificado  
 A Affonso concedeu em feliz dia ,  
 De cuja posse estaõ PEDRO , e MARIA.  
 E se Vós , venturozos Reis Augustos ,  
 Vistes em vossos Regios Ascendentes  
 Com honra singular , com gloria santa  
 chover dos Ceos a graça sacrosanta ;

E hoje conheceis na Real Familia,  
 A quem já ( como o Sol ) dais luz brilhante,  
 Que só possuis a sagrada herança,  
 Que exalta a grande Caza de Bragança;  
 Já podeis com razão no Luzo Throno,  
 Em todo o Portugal, na Europa toda  
 Affirmar que Vós sois os dois Espozos,  
 A quem Deos fez felizes, venturozos.  
 E tal favor dos Ceos, mercê taõ alta,  
 Naõ recebestes, Vós, das mãos dos Homens,  
 Foi das Mãos de Deos, das Mãos Clementes  
 D'hum Senhor immortal, d'hum Deos das gentes:  
 Pois quando o Grande Deos vos deu o Reino,  
 Já vos tinha formado Reis condignos  
 D'um firme Imperio feu; porque sois ramos  
 D'outras Plantas sagradas, que adoramos.  
 E dellas podeis ver qual he o fangue  
 Excelso, que nas vêas vos circula;  
 E quaes são as virtudes brilhadoras,  
 Que são dos Ceos comvosco roubadoras;  
 Que alcançaram de Deos o grande Imperio,  
 Que ao Regio Poder vosso o entregaram,  
 Sendo nas geraçoens continuado  
 Até aos fins do mundo dilatado.

*Fim da segunda lyra.*

(a)

# GENEALOGIA

*Dos Senhores Reis a Senhora D. MARIA , e o  
Senhor D. PEDRO III pela Real Casa  
de Bragança.*

I. **A** Senhora D. Maria , Rainha de Portugal , e seu Real Esposo o Senhor D. Pedro III. Rei do mesmo Reino.

II O Senhor D. Jozé I. Rei de Portugal.

III. O Senhor Rei D. Joaõ V. Rei de Portugal.

IV. O Senhor D. Pedro II. Rei de Portugal.

V. O Senhor D. Joaõ IV. Rei de Portugal.

VI. O Senhor D. Theodozio II.

VII. Duque de Bragança.

VIII. O Senhor D. Theodozio I. Duque de Bragança.

IX. O Senhor D. Jaime IV. Duque de Bragança.

X. O Senhor D. Fernando II. Duque III. de Bragança.

XI. O Senhor D. Fernando I. Duque II. de Bragança.

XII. O Senhor D. Affonso I. Duque de Bragança.

XIII. O Senhor D. Joaõ I. Rei de Portugal.

*Outra Genealogia dos mesmos Senhores , pela mesma Real Casa de Bragança.*

I. **A** Senhora D. Maria , Rainha de Portugal , e seu Real Esposo o Senhor D. Pedro III. Rei do mesmo Reino.

II O Senhor D. Jozé I. Rei de Portugal,

III. A Senhora D. Marianna de Austria Rainha de Portugal.

IV. A Senhora Imperatriz Leonor Magdalena.

V. A Senhora Princeza Izabel Amélia Eleitriz Palatina.

VI. A Senhora Princeza Sofia Leonor Landgrave de Haffe Darm.

VII. A Senhora Princeza Magdalena Sybilla , Eleitriz de Saxonia.

VIII. A Senhora Princeza Maria Leonora , Duqueza de Prussia.

IX. A Senhora Arquiduqueza Maria , Duqueza de Claves.

X. O Imperador Fernando I.

XI. A Senhora Princeza D. Joana , Rainha de Heslo.

XII. A Senhora Princeza D. Izabel , Rainha Catholica.

XIII. A Senhora Princeza D. Izabel , Rainha de Castella.

XIV. A Senhora Infanta D. Izabel.

XV. O Senhor D. Affonso , Duque de Bragança.

XVI. O Senhor D. Joaõ , Rei de Portugal.

(b) *Estes dois gloriosos Ramos são o Senhor D. Pedro III. Filho do Senhor Rei D. Joaõ V. Bisneto do Senhor Rei D. Joaõ IV. Duque de Bragança , e ao depois Rei , e Restaurador do Reino ; e a Senhora D. Maria Rainha do mesmo Reino , Filha do Senhor Rei D. Jozé I. Neta do Senhor Rei D. Joaõ V. Bisneta do Senhor Rei D. Pedro II. , e Terceira Neta do Senhor Rei D. Joaõ IV. como já fica dito.*

(c) Prin-

(c) *Principes, e Reis Portuguezes do Reino de Portugal.*

- |   |  |
|---|--|
| I. O Senhor D. Henrique, Conde de Portugal.         | XIV. O Senhor D. Joaõ II.                          |
| II. O Senhor D. Affonso Henriques, Rei de Portugal. | XV. O Senhor D. Manoel.                            |
| III. O Senhor D. Sancho I.                          | XVI. O Senhor D. Joaõ III.                         |
| IV. O Senhor D. Affonso II.                         | XVII. O Senhor D. Sebastiaõ.                       |
| V. O Senhor D. Sancho II.                           | XVIII. O Senhor D. Henrique, Cardial Rei.          |
| VI. O Senhor D. Affonso III.                        | XIX. O Senhor D. Joaõ IV.                          |
| VII. O Senhor D. Diniz.                             | XX. O Senhor D. Affonso VI.                        |
| VIII. O Senhor D. Affonso IV.                       | XXI. O Senhor D. Pedro II.                         |
| IX. O Senhor D. Pedro I.                            | XXII. O Senhor D. Joaõ V.                          |
| X. O Senhor D. Fernando.                            | XXIII. O Senhor D. Jozé I.                         |
| XI. O Senhor D. Joaõ I.                             | XXIV. A Senhora D. Maria, e o Senhor D. Pedro III. |
| XII. O Senhor D. Duarte.                            |  |
| XIII. O Senhor D. Affonso V.                        |  |

*Toda a sobredita Serie Real dos Soberanos Monarcas de Portugal saõ a famoza, e destinada Descendencia do Senhor Rei D. Affonso Henriques, a quem o Ceo patrocina.*



REINO DE DEOS,  
 O U  
 REINO DE PORTUGAL.

---

L Y R A III.

*Sobre a Descendencia Santa de Suas Magestades  
 Fidelissimas ; em que se mostra que quanto mais  
 hum Rei he brilhante nas virtudes , tanto mais he  
 favorecido do Senhor : assim se vé na Real , e  
 Augusta Familia da Grande Caza de Bragança.*

Texto do Livro Eccleziast. cap. 44. vers. 1. *Laudemus vi-  
 ros gloriosos , & parentes nostros in genera-  
 tione sua.*

**F**ELIZ Reino de Portugal Famoço,  
 Felizes Reis da Luzitania forte,  
 D'um Reino, que o Ceo para si pertende,  
 E que d'um Mar a outro Mar o extende.  
 He Reino mui feliz, he taõ ditozo,  
 Que nelle se conserva a Geraçaõ  
 Da gente pelos Ceos abençoada,  
 Que nunca quebrantou a Fé jurada.  
 Porque desta Naçaõ não ha historia,  
 Que mostre idolatrasse em algum dia,  
 Que deixando o seu Deos com impiedade,  
 Já dêsse culto á falsa Divindade.

D

Naõ,

Naõ; mas antes do Povo se conhece,  
E dos seus Reis a Religiaõ mais pura,  
Que sempre se firmou na Fé sagrada,  
Que elle em outras Naçoens deixou plantada.  
O bom Rei, que só firme em Deos espera,  
Que respira de Deos o temor santo,  
Este Rei he de Deos abençoado,  
E a herança dos Ceos já tem herdado.  
Recebe dô Senhor a santa bençaõ  
Hum Reino de seculos infinitos,  
E huma Naçaõ bemaventurada,  
Q' em Reino do Senhor foi transformada.  
He de tempos infinitos o Imperio,  
Que, depois de durar, vivendo o mundo,  
Durará com seus Povos Luzitanos  
N'outro Reino immortal d'eternos annos.  
Virtude, que creou a Affonso Justo,  
O fez eternizar naõ só no mundo,  
Mas na Santa Siam que felizmente  
Hoje goza, e possue divinamente.  
A este Justo Rei Deos o fez Grande  
Entre os grandes Varoens da Christandade,  
E quiz que só co' agente Luzitana  
Fosse o terror da gente Mauritana.  
Que triunfos, que batalhas singulares,  
E que Reis formidaveis naõ venceu  
O Grande Affonso Rei, que o Ceo tem visto  
Com as Chagas vencer de JESUS Christo?  
Tu, poderoso Ismar, infiel Mouro,  
Confessa o graõ poder do Luzo Affonso;  
Dize quem te venceu, e quantas vezes  
Destruiram teu Reino os Portuguezes?

Porém não digas, tu; publique o Campo  
 De Ourique famoso a maior batalha,  
 Onde Affonso, Rei do Reino Portuguez,  
 Vinte Reis te venceu d'uma só vez.

E tendo tu nos Reis forſas dobradas  
 Com Mouros cada hum oitenta mil,  
 Viſte as luas, turbantes, e arnezes  
 Vencidos pelos noſſos Portuguezes.

Diga Eujuni, Albujaque, Aben Jacob  
 Que triumphos Marciaes lhe não deixaraõ  
 Nas invenciveis Mãos do Rei Auguſto,  
 Com temor, com eſpanto, medo, e ſuſto?

Eiſaqui como o, Rei que em Deos eſpera,  
 Sempre ſabe vencer, nunca he vencido;  
 E deſta ſorte ao Rei Deos engrandece,  
 Porque o Rei, por ſer Bom, tanto merece.

Sabeis, Auguſtos Reis, que vos elege  
 Para Reis da Nação taõ protegida  
 Hum Deos, que he noſſo Rei, que por myſterio  
 Em Vós, e em Portugal fundou o Imperio.

O Reino, de quem falo he o voſſo Reino;  
 Os Reis, que vou louvando, ſois vós proprios;  
 Em fim o Reino, o Rei, Geração dita,  
 Eſtam em Portugal, Nação bemdita.

Santas graças ao Ceo Lyzia conſagra,  
 Ao ſupremo Deos, que fundou teu Reino;  
 Da-lhe as graças, pois gozas hoje em dia  
 Dos dois Reis a mais juſta Monarquia.

Mais, que o ſangue, a virtude os acclamou,  
 Se bem tinhaõ direito em geração;  
 Pois herdou de Saul David a Croa,  
 Por ſeu ſangue não, por virtude boa.

Porque o Deos de Israel, Deos Forte, e Justo,  
 Aos Reis, só como Reis, não os estima,  
 Mas dos seus corações digna Pureza,  
 Que só he das Leis santas a defeza.

Nem nos Livros sagrados se distingue  
 As Gerações dos Reis por Elogios;  
 Mas exaltam dos Reis té às Estrellas  
 As mais justas acções, virtudes bellas.

A estes Bons Monarcas de justiça,  
 Cheios só de clemencia, e de virtude,  
 Lhes dá Deos a feliz prosperidade  
 Em quanto lhes durar a santidade.

Mas Vós, que sois fiéis, ó Reis Clementes,  
 Que temeis do Senhor as Leis sagradas,  
 Vereis que sempre o Ceo á luz do dia  
 Venturozos fará PEDRO, e MARIA.

Oh, Imperio mil vezes venturozo;  
 Pois nas luzes, em que hoje resplandeces,  
 Faz mais a tua dita glorioza  
 A Amada dos Ceos, de PEDRO Esposa.

Eu conto com tres duas vezes dez  
 Monarcas desde Affonso Luzitanos;  
 E em todos se tem visto a Providencia  
 A promessa cumprir na Descendencia.

De pais a filhos corre a Geração,  
 D'um Rei Santo já passa a Reis Piedozos,  
 E toda a Descendencia está coberta  
 Da virtude de Deos na fé mais certa.

A Vós, Excelsos Reis, o Ceo nos mostra  
 Entre Celestes Astros brilhadores,  
 Pois delles tantas luzes recebestes  
 Quantos os Troncos, sam donde nascestes.

De dezafete Santos canta a Igreja (\*)  
 ( Além de outros, que illustram voffo fangue )  
 Donde bem procedeis MARIA, e PEDRO  
 Floridos, como a palma, e como o cedro.

Bellos ramos de cedros incorruptos,  
 Que fazem do Senhor a Caza santa,  
 O Regio coração dos vossos peitos  
 Nos reproduz mui gratos, e perfeitos.

Vós, Excelfos. Reis do Luzo imperio,  
 Não fois Reis pela mão da Tyrannia;  
 De bemitos varoens, que o Ceo tem visto,  
 Recebestes reinar por Mãos de Christo.

Por isso quiz o Ceo da mesma sorte  
 Que desta Geração fosseis productos,  
 De Santa Geração, que Deos premêia  
 Com Celestial mercê de graças cheia.

A Geração dos Patriarcas Santos  
 Do Fiel Abraham, de Jacob, Isaac  
 O Ceo multiplicou, como as estrellas,  
 Nos seus frutos, e nas virtudes bellas.

No ditozo Monarca deste Imperio,  
 Feliz Affonso de memoria santa,  
 Com eterno favor o Deos Clemente  
 Aos Reis abençoou, e á Luza gente.

O Regio Tronco, que Ramos dilatados  
 Aos Reinos extendeo do mundo todo,  
 Plantado em Portugal em Throno Augusto,  
 Nos vem de Arnulfo Santo, e Carlos Justo.

Vós, Piedozos Reis, sabeis a historia:  
 Destas grandes Columnas da virtude  
 Felices Ramos fois; o Ceo jucundo  
 Ambos vos fez nascer de Sigismundo,

Do Duque S. Pepino de Brabante ;  
 ( De Veiga singular Duqueza Excella,  
 De Clodulfo immortal, que a Mosselana  
 Ganhou gloria, que o Ceo fez mais que humana.  
 Da Santa Imperatriz de Henrique Espoza,  
 Matildes venturoza dos Ceos Filha ;  
 D' Helena Celestial d' Igor Conforte,  
 Princeza a mais feliz da Ruffia forte.  
 Do sagrado Oláo, Rei de Noruéga,  
 Do dilecto de Siam, de Ladisláo  
 Famofo Rei, que enobreceu Ungria,  
 E fez tornar a gloria do feu dia.  
 Dos Croados Macolmo, e Margarida,  
 Q' augmentaõ o Esplendor do Santuario,  
 E o bemdito Leopoldo Marquez Justo,  
 E do Duque, que sobio ao Ceo sem fusto ;  
 Guilherme, que Agostinho no feu feio  
 Adoptou por feu Filho, e nelle alcanfa  
 A Igreja Militante, ao Olympo sacro  
 Da tanta Adoraçaõ hum simulacro.  
 Em fim do sangue Justo, e Real sangue  
 Sois dos Augustos Reis ; o Ceo nos mostra,  
 Para brilharem vossos resplendores,  
 Que são Reis Santos vossos Genitores.  
 Do Penitente Rei Luiz de França,  
 Monarca Santo, deste Reino gloria,  
 E da Sacra Izabel nos Ceos ditozos,  
 Vós sois Ramos de Troncos gloriozos.  
 Eis aqui, Altos Reis, como o Ceo prova  
 Em vossa Ascendencia a santa bençaõ,  
 Multiplicando Heroes de santidade,  
 No Real Sangue da Luza Magestade.

Eis-aqui como o Ceo na Caza Excellsa  
 Da sublimé Bragança verifica  
 Este sagrado dom de mercês tantas  
 Na producção de Personagens Santas.  
 O Deos, que distingue as Naçoens do mundo,  
 Este Deos, que as Familias abençoa,  
 Para do sacro Dom fereis productos,  
 Já vos tem feito abençoados frutos.  
 Elle já tem plantado em vossos peitos  
 As virtudes mais fans, que os Ceos dominam,  
 Assim vê Portugal nas acçoens vossas  
 A virtude, que faz venturas nossas.  
 Já desta Geração Regia, ditoza,  
 Conhece o mundo todo, que sois Ramos,  
 Ramos, que hoje daraõ á Lyzia gloria,  
 Illustre brado á Fama, assumpto á Historia.  
 Vós, Senhora, podeis c'o Regio Espozo  
 Dar mais immortal gloria ao Luzo throno;  
 A vossa sempre Augusta Magestade  
 Dos Troncos floreceu da Santidade.  
 Vosso fangue Real he fangue Justo,  
 Pois nasce da Ascendencia Regia, e Santa;  
 Nem do mundo haverá na vasta historia  
 Dois Reis, como Vós sois, cheios de gloria.  
 O Ceo vos elegeu, porque sabia  
 Quantas no peito agazalhais virtudes;  
 E se a Vós, só a Vós, vos deu o Imperio,  
 Faça elle feliz este mysterio.  
 Já vedes que de Deos a Providencia  
 Nos Principes Reaes já tem segura  
 Do Throno a Successão; porém destina  
 Que o Reino lhes deixeis com sã doutrina.

- Agora praticai as sãs virtudes,  
 Que de Deos, e dos Reis fiel herdaste;  
 Que veja o mundo todo em fôrma tal,  
 Que não ha como Vós Rainha igual.  
 Porque hoje he tão distincto o vosso Sangue,  
 Que voz pura não ha, nem muza douta,  
 Que chegue a bem louvar a natureza  
 De Geraçãõ, que herdou tanta grandeza.  
 Eu já vos referi Alta Ascendencia  
 Dos mais Justos Varoens, de quem sois fangue:  
 Agora dos seus Ramos vou mostrar-vos  
 Quem, depois de morrer, chega a exaltar-los.
- D. Affonso, de Aviz Primeiro Mestre,  
 Irmão do Santo Rei Affonso Henriques,  
 Grande, e Insigne Varaõ, e Par de França,  
 Que feliz goza a Bemaventurança.
- A Famoza Rainha, que Mafalda  
 No nome se chamou, Mulher de Affonso,  
 De quem o coração, e Magestade  
 Foi cheio de ternura, e piedade:
- O Terceiro de Leaõ o Rei Fernando,  
 Que he Santo pela Igreja venerado,  
 De D. Urraca Neto gloriozo,  
 Que lhe fez o Hymeneu ser mais ditozo.
- Tereza, de D. Sancho Illustre Filha,  
 Que rouba do Senhor a gloria aos Anjos,  
 Do Monarca de Leaõ Esposa Santa,  
 A quem já Portugal louvores canta.
- D. Sancha, Heroína singular,  
 De D. Sancho I. Fruto Excelso,  
 A quem Filhos do seraphim Chagado  
 Apareceraõ em gloriozo estado.



Berenguella formoza, Regio ramo  
 Dos Troncos, donde fostes produzida;  
 Esta feliz, singular Berenguella  
 He do sangue Real brilhante estrella :  
 A Soberana Urraca, que da Lyzia  
 Foi Rainha preclara nas virtudes,  
 E foi filha d'um Rei, d'outro consorte,  
 Que tiveram no nome a mesma forte :  
 Os Martyres illustres de Marrocos,  
 Já mortos felizmente no martyrio,  
 O dia predisserão á Rainha  
 Da morte, co'a certeza, que não tinha.  
 A Pedro, Rei primeiro deste nome,  
 Luz da Igreja Bartholomeu sagrado  
 Em vida apparecendo, o fez tornar  
 A viver, porque o fez resuscitar.  
 Fernando, de Joaõ Primeiro filho  
 Tambem do throno Luzo he grande gloria;  
 Elle foi pela Fé martyrizado  
 Em honra de JEZUS Crucificado.  
 Aquella singular Joanna Augusta,  
 De D. Duarte filha a mais ditoza,  
 Que sacros hymnos canta docemente  
 Na Divina Siam ao Deos Potente !  
 O Grande Condestavel deste Reino,  
 Que o mundo desprezou com valentia,  
 Cujas Celestes virtudes admira  
 O templo do Carmello em sacra pyra.  
 A Roza, que do tronco de Gyron  
 Foi chamada Constança de Noronha,  
 Celeste orvalho recebeu ditoza,  
 Em que fez ser Bragança glorioza.

- D. Theodozio primeiro deste nome,  
 Que os Mouros conheceraõ de onze annos,  
 Só do seu coraçãõ nos deu imagem,  
 Que estimamos por Santa Personagem:  
 Aquelle, que no nome he só segundo,  
 E em tudo se parece co'primeiro,  
 Deixou tantos exemplos aos vindores,  
 Quantos saõ da virtude os esplendores:
- O Grande D. Joãõ, que he só no nome  
 Segundo, Grande Rei da Luzitania,  
 A quem o Casto Rei Sebastiaõ  
 Seu Regio corpo achou sem corrupçãõ:
- D. Jaime, que foi Duque de Bragança,  
 Veneravel Heroe da Santidade,  
 A quem differa o Ceo ditosa sorte  
 Do seu dia feliz de boa morte:
- O respeitavel Rei D. Joãõ Terceiro,  
 Que só foi de virtudes taõ ornado,  
 Q' a Xavier mereceu por sorte dada  
 Prégasse nos Sertoens a Fé sagrada.
- Todos estes Heroes, que represento  
 No Real throno de Vossas Magestades,  
 Saõ Heroes, que já saõ nos Ceos sagrados  
 Felizes, triunfantes, exaltados.
- Daqui mana tambem o Real sangue,  
 Que só nas Regias véas vos circula;  
 E sangue taõ sagrado na verdade  
 Hoje vos faz ser filhos da bondade.
- Os Regios Ascendentes puro espelho  
 Saõ para a norma do governò santo;  
 Mas cada um mereceu ser Rei Augusto,  
 Naõ por herdeiro só, mas por ser justo.

Vós, Soberanos Reis, tendes virtudes,  
 E taõ grandes, que o Ceo vos fez distinctos;  
 E quiz da geraçõ dos Luzos Povos  
 Que fosseis vós sómente os dois Reis novos:

Reis, para quem dos Ceos desceu Astréa  
 Mandada pelo Deos dos deozes Juito,  
 Trazendo na balança com igualdade  
 Santa Justiça ornada de piedade:

Reis, que postados ante os Ceos implorãõ  
 Ao seu Fundador a concordia ao Reino,  
 E abundancia a huns Povos gloriozos  
 Na Real aclamaçãõ dos dois Espozos:

Abundancia com paz para o seu Povo,  
 Que nos amados Reis espera firme,  
 D'um, e outro adorando a Magestade,  
 Ver sobre si a Regia piedade.

Nesta, Rainha Excelsa, sois firmada,  
 Qual em outra Siam Cidade santa,  
 Em Corte, como aquella defendida  
 Por Christo, que por ambas deu a vida.

Aqui firmaste o Regio domicilio.  
 Entre hum Povo fiel, hum Povo honrado;  
 E nesta nobre em fim de Deos herança  
 Vosso Throno firmais com segurança.

Vossos Povos saõ bons, o Reino he santo,  
 Os seus primeiros Reis foraõ Reis justos,  
 O seu Fundador he o Deos Eterno,  
 E o tempo deste Reino he sempiterno.

Se Vós fostes por Deos unida ao Reino,  
 E hoje sobre a paz o estais gozando,  
 Mostrai que sois da Mão do Deos Piedozo  
 Para o Povo viver ledo, e gostozo:

E para que em fim veja o inimigo  
 Que em Vós também se fez bom o final  
 Das sacras Quinas Luzas, que foi dado  
 Para o Reino fazer afortunado.  
 Hoje mais alegre nos nasce o dia,  
 Porque o vosso Reinado he de nascer;  
 E porque o Sceptro ao Rei dá razoens forçozas  
 De plantar nelle plantas preciosas.  
 O Alto Ceo bem claro verifica  
 Que he bom tempo de edificar agora;  
 Que este tempo feliz he de prazer,  
 Tempo fertil dos frutos recolher:  
 Que esse tempo fatal do odio infano  
 Já expirou nas mãos d'uma desgraça;  
 Que este tempo de Vossas Magestades  
 He hum tempo de amor, e de amizades:  
 Que o tempo infeliz da terrivel guerra  
 Já Deos o desterrou do seu Imperio;  
 Agora nos domina a paz sómente,  
 Firmada pela mão de hum Rei clemente.  
 Neste tempo feliz, ó Reis Augustos,  
 Regei, e governai com Deos, e em paz;  
 Fazei certa, e feliz nossa esperança  
 com justiça, com amor, com alliança.  
 Vede agora, altos Reis, como vós fostes  
 Entre todos sómente os escolhidos,  
 A quem o Povo Reis vos acclamasse,  
 E em quem o Reino o Ceo continuasse!  
 E vede em fim, Monarcas venturozos,  
 Se com justa razão devo louvar-vos,  
 Louvando as virtudes superiores  
 De vossos Pais, de vossos Genitores.

*Reis,*

(\*) *Reis, e Principes, Santos Canonizados, donde descendem os Augustos, e Fidelissimos Reis o Senhor D. PEDRO III., e a Senhora D. MARIA.*

I. **S.** Sigismundo Martyr, Rei de Borgonha, ao 1. de Maio de 520.

II. Santo Arnulfo, Duque de Mosselana, aos 15 de Julho de 641.

III. S. Pipino, Duque de Brabante, no anno de 647.

IV. Santa Veiga, Duqueza de Brabante, filha do dito S. Pipino, no anno de 615.

V. S. Clodulfo, Duque de Mosselana, filho de Santo Arnulfo, no anno de 718.

VI. S. Carlos Magno, Imperador de Alemanha, aos 28. de Fevereiro de 814.

VII. Santa Mathildes, mulher do Imperador Henrique I., aos 14. de Março de 969.

VIII. Santa Helena, mulher de Igor, Principe da Russia, no anno de 971.

IX. Santo Olau, Martyr, Rei da Noruega, aos 29 de Julho de 1028.

X. S. Macolmo III. Rei de Escocia, no anno de 1091.

XI. Santa Margarida sua mulher, no anno de 1104.

XII. S. Ladislau, Rei de Ungria, aos 27 de Junho de 1095.

XIII. S. Leopoldo, Marquez de Austria, aos 15 de Novembro de 1136.

XIV. S. Guilherme, Duque de Aquitania, Conde de Pictavia, Religiozo Eremita de Santo Agostinho, aos 10. de Fevereiro da 1150.

XV. S. Luiz, Rei de Franca, aos 24. de Agosto de 1270.

XVI. S. Venceslau, Rei de Bohemia, no de 1305.

XVII. Santa Izabel, Rainha de Portugal, depois Freira da Ordem de S. Francisco no Convento de Santa Clara de Coimbra, onde está o seu gloriozo corpo, e no altar mór da mesma Igreja.

*Fim da terceira lyra.*

## L Y R A IV.

*Sobre o mesmo assumpto ; e sobre o juizo , e esperança do Povo.*

*Dedisti hereditatem timentibus nomen tuum. Pl.60. v.6.*

**J**A' Reinos se tiraraõ aos herdeiros,  
 Por forsa da Mão do Deos Poderozo ;  
 Muitos sómente foi dura ambiçaõ  
 Ou dos Reis , ou sinistra pertençaõ.  
 Mas o Imperio, o Reino, o Palacio, o Templo,  
 Se naõ forem por Deos edificados,  
 Por terra cahiraõ, naõ sem mysterio,  
 O Palacio, o Templo, o Reino, o Imperio.  
 Contra as forsas de Deos naõ vale a humana ;  
 Aos Juizos do Ceo cede o terreno ;  
 Nem a idéa subtil do mais famoso  
 Póde mais que hum Deos todo Poderozo.  
 Mas sobre Portugal o Deos Eterno  
 Olhando como Pai, e como Rei,  
 Fez em tudo cumprir sua promessa,  
 Da Inveja soppeando a vil cabeça.  
 Dos Conselhos humanos, e Divinos,  
 Dos Juizos dos Homens, e de Deos  
 Pafme o mundo ; e conheça d'uma vez  
 Que o Reino de Deos he o Portuguez.

Grande Deos, se me fora permittido  
 Do silencio soltar as prizoens fortes,  
 Que segura fiel justa prudencia,  
 Cresceria neste cazo a influencia.  
 Que a MARIA, que tem ao Deos Divino  
 Por seu Protector, elle mesmo a acclama,  
 E ao Conforte feliz, PEDRO Terceiro,  
 Temente a Deos, a todos verdadeiro.  
 O mundo naõ lhes deu o Reino excelso;  
 Nas suas Mãos o Ceo lhes poz alegre;  
 Elle he do Reino, e Reis seu Protector;  
 Naõ temem do contrario o vaõ furor.  
 Virtudes singulares os sustentaõ  
 No mesmo Throno, que dos Ceos herdaraõ;  
 Nellas os distingue o Deos Soberano,  
 Porque saõ o esplendor do peito humano.  
 Ellas saõ dos prodigios fundamento,  
 E a cauza, porque Deos obra nos homens  
 Milagres estupendos, mercês tantas  
 Nos Heroes, que dos Ceos saõ sacras plantas.  
 Henoc, Isaac, Noé, Abraham, Jacob  
 Exaltou o filho de Sirac santo,  
 Deixando ao mundo eterno a sua gloria  
 No perpetuo louvor da insigne historia.  
 Elle louva as açoens dos Patriarcas,  
 E as sublimes virtudes de tal sorte,  
 Que mostra ser Henoc trasladado  
 Ao térreo Ceo dos homens ignorado:  
 Que vivera Noé perfeito Justo;  
 Que no tempo fatal do Deos terrivel  
 Foi da paz universal o medianeiro  
 O Santo Patriarca derradeiro:

Que

Que a Columna da Fé, o Pai dos Crentes,  
 O grande Pai da geração bemdita,  
 Fora tão grato a Deos na fé constante,  
 Que não lhe nascera outro semelhante:

Que as Celestes bençãos dos Ceos herdaraõ  
 O Fiel Isaac, e Jacob dilecto;  
 Nelle se conservara em toda a idade  
 A mais illustre porção de Santidade:

Phinees, Aaram, Moyzès, tres Sacerdotes  
 Saõ nos louvores de hum Deos bemditos,  
 Que a santa Lei do Deos Omnipotente  
 Nos peitos conservaraõ puramente:

A Caleb, e Joze, Juizes louva,  
 Que ao Povo de Israel regeaõ justos,  
 Cujos ossos jazendo em sepulturas,  
 Lá florecem no nome, e nas venturas:

Aos Monarcas, que Deos sobre o seu Povo  
 Por santa inspiração constituoio,  
 Engrandece com sacros elogios,  
 Por serem de Israel Reis tantos pios:

Com canticos Divinos abençoa  
 Profetas do Senhor, que ao Ceo serviraõ;  
 Depois a David, Salomaõ, Jozias,  
 Aos quatro Patriarcas, e Ezechias.

Destes Reis a conducta foi tão grata  
 Ao Deos das Naçoens, terror do Egypto;  
 Que as Urnas ficaõ sendo por memoria,  
 Fonte da Virtude, brazaõ da Historia.

Nem o mundo as acçoens approvaria  
 Destes altos Heroes da lei Escrita,  
 Nem o Ceo os teria no seu seio,  
 Se não fosse cada hum de graças cheio.



Ah feliz Israel, Nação ditoza,  
 Que já foste de Deos seu Povo amado;  
 O que foste fiel louva a bondade  
 Do Deos, que lança em nós sua piedade.  
 Exalta ao teu Deos, ó Aaram sagrado:  
 O que teme ao Senhor o louve agora;  
 Que a Clemencia do Deos Omnipotente  
 Passa á Luza nação da Hebraica gente.  
 Este grande favor, que hoje em nós vemos,  
 Foi no mesmo Israel continuado;  
 Mas, por ser ingrato ao Deos Soberano,  
 Deixou-o Deos pelo reino Luzitano.  
 O Ceo sempre elegeu Reis de Justiça,  
 De entranhas iguaes á Misericordia;  
 Elle sempre os regeu, e deu amparo  
 Ao Imperio feliz, que fez preclaro.  
 Os Reis, que Deos em Portugal anima,  
 E que hoje felizmente o Sceptro empunhaõ,  
 Adornaõ Sua Regia Magestade  
 De Justiça, de Amor, e de Piedade.  
 Aos que julgaõ em fim com equidade  
 Os iguala com Deos o grande Tullio:  
 Aos que desta lei vivem dissonantes  
 Affirma que naõ saõ seus semelhantes.  
 O eloquente Orador com letras de ouro  
 Por memoria escreveu dos homens sabios,  
 Que os Reis, e seus Ministros julgariaõ  
 Com piedade, e que deozes ficariaõ.  
 Os dois Augustos Reis, PEDRO, e MARIA,  
 Os nossos deozes saõ, que assim nos regem;  
 Nelles brilha em purissima candura  
 A Piedade, a Justiça, Amor, Ternura.

Nem o Ceo para si crear podia  
 Hum Imperio bom sem Monarcas Justos;  
 Se algum parece d'outra natureza,  
 He para Deos mostrar sua grandeza.  
 E se acazo a maldade vil, terrivel  
 De Jozé ao governo fatal chama,  
 E deste bom Rei oçcultar intende  
 A santa intenção, he iniquamente.  
 Porque o Ceo a Jozé fez alma justa,  
 Indole doce, pia natureza,  
 Grato, e fiel, alheio da cubiça,  
 Que sempre dezejou a sã justiça.  
 Devem ser os vassallos verdadeiros,  
 E leaes aos seus Reis, aos seus Soberanos;  
 Mas inda alguns, não devendo, pódem  
 Enganar aos Reis, se ás paixoens acodem.  
 Este Rei sempre quiz a paz nos Reinos,  
 E aos Povos dezejou felicidades:  
 Não errou, não chegando a comprehendellos  
 Vivendo, poderia conhecellos,  
 Porque teve hum juizo relevante,  
 Discurso raro de conceitos grandes;  
 Mas como o interior em Deos só cabe,  
 Do alheio coração o Rei não sabe.  
 Este attributo só a Deos pertence:  
 E se o Rei a bom tempo o conhecera,  
 Com exemplo immortal, e sem segundo  
 Se faria temer em todo o mundo.  
 E não seria o Rei de entranhas pias,  
 Não teria Jozé tanta ternura,  
 Nem seria tão bom Monarca Augusto,  
 Se hum espirito lhe faltasse justo.

A confissão, que fez, nos he bem clara ;  
 A supplica tambem foi manifesta ;  
 O perdaõ foi geral, e generozo ;  
 E, quem procede assim, he Rei piedozo.  
 Logo hum Rei, que perdôa desta sorte,  
 Que mostrou que os dezejos de sua Alma  
 Eraõ só para o fim do Reino augmento,  
 Não merece se ponha em esquecimento.  
 Por justiça, e amor os Portuguezes  
 Só devem do seu Rei honrar memorias,  
 E julgar que era sã sua candura,  
 De indole doce, Alma de ternura.  
 Nós vemos que Deos, que conhece aos homens,  
 Aos perigos do Rei acodio attento ;  
 Que sempre lhe assistira ao Regio lado,  
 Fazendo-o salvo neste, ou n'outro estado.  
 Que provou do Rei a paciencia Augusta,  
 Que lhe deu soffrimento nos trabalhos,  
 E, para alivio dar-lhe a tantos damnos,  
 Altas mercês lhe fez nos fins dos annos.  
 Já das cinzas fataes da antiga Corte  
 Vio nova Corte assombrando ao mundo,  
 Vio pelos Ceos o Conforcio santo  
 Do seu Augusto irmão com prazer tanto.  
 Vio o grande Hymeneu em fim segundo  
 Nos Principes Excelsos Luzitanos,  
 Que não só deste Imperio são fiadores,  
 Mas são immediatos successores.  
 Assim vio da Paz o alicerse,  
 Que foi a pezar de sinistro intento :  
 Assim approvou da Real Consorte  
 Em MARIA, e JOZE' taõ alta sorte.

Até que o Ceo, deixando nos seus dias  
 O seu Reino, e do Rei entã seguro,  
 Tratou dispollo para outro Imperio,  
 Onde louva de Deos sacro mysterio.  
 Assim cumprio o Ceo mercês Divinas,  
 Que foraõ neste Rei continuadas;  
 Assim deu tempo ao Rei arrependido,  
 Para fer em Siam justo escolhido.  
 Nem o vil coraçã da iniquidade  
 Profira que, se o Rei fora Rei justo,  
 Naõ o punira o Ceo taõ fortemente,  
 Nem Lisboa se vira decadente:  
 Porque antes a quem Deos mais ama, estima,  
 Castiga; mas castiga como Pai;  
 Isto he certo; e se vê dos livros santos  
 Hum grande numero de exemplos tantos.  
 Adaõ foi grande justo, e penitente;  
 Foi amado de Deos, e vive em gloria:  
 Mas foi do Paraizo desterrado,  
 E vio estranho Deos ser adorado.  
 Noé Varaõ só foi entre os nascidos  
 Que Deos quiz para amigo, santo, e justo,  
 Em quem sómente quiz continuar  
 A geraçã, que havia abençoar.  
 Mas tambem este Heroe da Santidade,  
 Justo amado daquelle Deos Eterno,  
 Vio na destruiçã diluviana  
 Acabada em fim toda a gente humana.  
 Moyzès, que lá regeu o Povo santo,  
 Aquelle, que assombrou o vasto Egypto,  
 Por duvidar, ferindo a penedia,  
 Naõ entrou em Siam, por fé taõ fria.

O Profeta David era Rei Justo ;  
 Porém vio o seu Povo destruido  
 As Familias inteiras extinguidas ,  
 Elle sem honra , mortas muitas vidas .  
 Se o Bom Rei D. JOZE' foi taõ provado  
 Pela Divina Mão do Deos tremendo ,  
 Tambem já foi por elle defendido ,  
 E sempre pelos Ceos favorecido .  
 E nos fortes ataques da desdita  
 Quem lhe valeu , se naõ o Deos clemente ?  
 E se contradizer-me alguém procura ,  
 Vio ao Rei acabar em desventura ?  
 Muito longe de mim , maldade infana ,  
 Te aparta , te desterra , e te afugenta ;  
 Que naõ póde formar a vil maldade  
 Se naõ juizos vís da iniquidade .  
 E Vós Augusto Rei JOZE' Primeiro ,  
 Que em Reino descansais mais santo , e puro ,  
 Vivei alma feliz predestinada  
 Na Gloria , que o Senhor vos tem já dada .  
 Deos permitta que esteja recebida  
 Dos Ceos esta minha taõ justa idéa ;  
 Que assumpto servirá de immortal canto  
 MARIA succeder a hum Pai santo .  
 Daqui , Augustos Reis MARIA , e PEDRO ,  
 Tendes visto , que o Ceo sempre amparou  
 Este Reino , os seus Reis , e Descendencia ,  
 Com cuidado , com amor , e com clemencia .  
 Vedes sempre cumprir-se nos Reis todos  
 A Divina promessa , que em Vós mesmos  
 Felizmente se vê bem confirmada  
 Nesta herança , que possuís sagrada .

Rei-

Reinai por largos annos venturozos;  
 Tremam de vós os nossos inimigos,  
 E debaixo dos pés o mundo veja  
 Que triunfantes pizais a fera Inveja.  
 Mas vejaõ as Naçoens do Orbe todo  
 Que olhais ao vosso Povo com clemencia;  
 Que d'um, e outro estaõ na Magestade  
 Do mesmo Povo a paz, prosperidade.  
 Porém tu, fiel Povo, Povo honrado,  
 Não degeneres do conceito sacro  
 Que ab eterno o Senhor de ti fizera,  
 Antes que a luz ao mundo amanhecera.  
 Antes que houvessem geraçoens na terra,  
 Mui antes que Nembroth formasse Reinos,  
 Já tu eras seu Povo meditado;  
 De Deos era este Reino abençoado.  
 Não degeneres, não, Povo de Christo,  
 Resgatado por seu sangue sacrosanto;  
 Se ainda duvidozo disto indagas,  
 Elle ao teu Rei deu por signal as Chagas:  
 Penhor este tão sacro, e preciozo,  
 Que, sendo quem lho deu Deos infallivel,  
 He contigo, como em teu Rei primeiro,  
 Na promessa infallivel verdadeiro.  
 Seguro na fé sempre, não duvides  
 Dos teus Reis, e dos Ceos da piedade;  
 Porque huns Reis todos cheios de ternura  
 Nunca tem coração de pedra dura.  
 Estes nossos Monarcas Soberanos  
 Não se esquecem de ti, sobre ti olhaõ;  
 Pois trataõ de fazer, depois da posse  
 Do Real Sceptro, o Reino amavel, doce.

Socega em fim, ó Povo Luzitano;  
 Não queiras que te chamem monstro cego;  
 Tu bem vês inda o Reino embaraçado;  
 Dispor-se pede tempo dilatado.

E hum Povo, como tu, tão nobre, e illustre,  
 A's estranhas Naçoens não dê motivo  
 De te darem terriveis epithetos  
 De Povos infieis, rudes, infectos.

Mas tu, firme na obediencia cega,  
 Só deves respeitar dos Reis as ordens,  
 Esperando das Regias Magestades  
 As graças, as mercês, felicidades.

E Vós, Augustos Reis, que ouvis attentos  
 Puras expressoens d'um vassallo vosso,  
 Fazei feliz por Vós, por vosso Povo  
 O Imperio de Deos neste Sceptro novo.

Mostrai-nos que sois huns dos escolhidos,  
 Abençoados de Christo no Imperio,  
 E que hoje outra vez em vós começa  
 A fantá, e singular feliz promessa.

Promessa, que deu Christo a Affonso santo,  
 E que na vossa acclamação ditoza  
 Seu Imperio deixou em Vós firmado,  
 E em vossos Regios filhos confirmado.

F. I. M.

